

## ROUSSEAU E THOREAU: A SAGA DOS PENSADORES CAMINHANTES

ROUSSEAU AND THOREAU: THE SAGA OF THE WALKING THINKERS

Evaldo Becker<sup>1</sup>  
Douglas Campos<sup>2</sup>

### Resumo:

Nosso objetivo no presente artigo é examinar o papel das caminhadas em meio à natureza, enquanto ponto de contato e aproximação entre as obras de Jean-Jacques Rousseau e Henry David Thoreau. Indiretamente, faremos a aproximação de ambos os autores em relação à tradição dos antigos filósofos cínicos, em especial com Diógenes, o cão. As caminhadas em meio à natureza servem em nosso entender, como instrumento de crítica dos ambientes urbanos corrompidos e também como forma de reflexão e autoconhecimento filosófico. Os dois autores em tela foram fundamentais para consolidar as caminhadas enquanto práticas filosóficas de contato dos homens com a natureza. A prática da caminhadas encontra-se descrita de forma abundante ao longo das obras de Rousseau e Thoreau. Nesse sentido, as caminhadas de natureza configuram-se enquanto elemento fundamental da filosofia da natureza de ambos os autores. Para atingirmos nosso objetivo, nos concentraremos principalmente no exame das *Confissões* e dos *Devaneios* de Rousseau e em *Caminhando* e *Walden*, de Thoreau.

**Palavras-chave:** Rousseau; Thoreau; caminhadas; filosofia da natureza.

### Abstract:

Our goal in this paper is to examine the role of walks in nature as a point of contact and approximation between the works of Jean-Jacques Rousseau and Henry David Thoreau. Indirectly, we will bring both authors closer to the tradition of the ancient Cynic philosophers, especially to Diogenes the dog. Nature walks, in our view, serve as an instrument of criticism of corrupted urban environments and also as a form of reflection and philosophical self-knowledge. The two authors in question were fundamental in consolidating walks as a philosophical practice of contact between man and nature. The practice of walks is abundantly described throughout the works of Rousseau and Thoreau. To achieve our goal, we will focus mainly on the examination of Rousseau's *Confessions* and *Reveries* and Thoreau's *Walking* and *Walden*.

**Keywords:** Rousseau; Thoreau; walks; philosophy of nature.



<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Email: [evaldobecker@gmail.com](mailto:evaldobecker@gmail.com), Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0916069059108749>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4921-1151>

<sup>2</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Email: [douglasscamposs414@gmail.com](mailto:douglasscamposs414@gmail.com), Lattes : <http://lattes.cnpq.br/4291132255384623>, ORCID : <https://orcid.org/0000-0002-9036-8102>

“É preciso uma ordenação direta do Céu para ser um caminhante. Você tem que nascer na família dos caminhantes. *Um caminhante nasce, não é feito.*”  
(THOREAU, 1984b, p. 83)

## Introdução

As menções aos caminhantes e às caminhadas fazem parte da história da filosofia enquanto tal. Inúmeros foram os filósofos que se serviram das caminhadas enquanto método de exposição de conceitos ou enquanto expediente para refletir ou abstrair dos problemas cotidianos. Em uma bela obra intitulada *Marcher: une philosophie*, Frédéric Gros (2011, p. 177-178) nos lembra que Sócrates tinha o hábito de filosofar em movimento e que “estava sempre a fazer os cem passos da Ágora, sobretudo nos dias de feira, enquanto as pessoas se apressavam”. O autor salienta, no entanto, que este se ocupava sobretudo das questões urbanas e civis, desprezando as caminhadas campestres; dado que a Natureza não atraía suficientemente sua atenção. Gros menciona ainda uma suposta prática da caminhada enquanto método expositivo de Platão, em seus cursos, e a importância destas nas exposições peripatéticas de Aristóteles. Mas, o destaque no que concerne à esta atividade recai sobre os cínicos. No entender do autor “Os únicos sábios gregos verdadeiramente caminhantes eram os cínicos. Sempre a vagar, a vagabundear e a andar pelas ruas. Como cães. Sempre na estrada, indo de cidade em cidade, de praça pública em praça pública”. (GROS, 2011, p. 179) Mas, apesar das caminhadas serem, desde o início da história da filosofia, um *topos* filosófico, talvez seja melhor nos atermos às trilhas modernas e contemporâneas e não nos aventurarmos nas longínquas sendas dos pensadores antigos, sob pena de perdermos o caminho que nos conduzirá à bom termo no final deste curto artigo. Em nossa caminhada, percorreremos algumas das obras de Rousseau e Thoreau, todos os dois, autênticos membros da família dos filósofos andantes. Herdeiros da escola cínica em sua crítica do luxo, das desigualdades, da escravidão e das convenções mundanas, mas também e principalmente, são herdeiros da tradição cínica em seu amor pela natureza, pela harmonia estabelecida no *Kósmos* e na procura por conhecer melhor o coração e a mente humanas. Isso tudo, à despeito de sua própria ausência de reconhecimento da herança em questão; conforme tentaremos evidenciar no decorrer do presente escrito.

## Rousseau e a caminhada das Luzes

As caminhadas fizeram parte da vida e integraram a obra de Rousseau do início ao fim de seu percurso. A imbricação entre as caminhadas e as conjecturas esteve onipresente em todos os empreendimentos filosóficos rousseauístas. Era no exercício da caminhada que o autor conseguia estar junto a si e ao mundo. Para analisarmos esse tema nos concentraremos, sobretudo, em dois escritos do autor: as *Confissões* (1782) e os *Devaneios do Caminhante solitário* (1782).

Em suas *Confissões* Rousseau nos informa acerca de sua vida e de suas andanças.<sup>3</sup> Ele nos conta acerca das caminhadas com os camaradas de juventude

---

<sup>3</sup> Em seu livro *Marcher: une philosophie*, Frédéric Gros (2001, p. 93), escreve acerca disso: “Descritas nas *Confissões*, as primeiras caminhadas são longas viagens felizes, solares, capitais. Por falta de dinheiro e também por causa do temperamento, é uma questão de caminhar distâncias imensas: de Annecy a Tourin, de Soleure a Paris, depois de Paris a Lyon, e finalmente de Lyon a Chambéry.”

nas cercanias de Genebra; nos lembra que foi graças a um atraso no retorno de uma dessas caminhadas, que o fez encontrar as portas levadiças da cidade fechadas (o que provavelmente desencadearia uma reação violenta de seu mestre), que desencadeou sua fuga da cidade natal e sua travessia à pé, através do Jura, rumo à França, onde faria nome e carreira.

Após muitas andanças Rousseau chega à Paris, em 1742; é sua segunda temporada na Cidade Luz. Diferentemente de sua primeira estadia nesta capital, ocorrida em 1731, após um período de vagabundagem pela Suíça, agora Rousseau se instalava na Cidade Luz para permanecer e ser conhecido no mundo da música e das letras. Nesse momento de sua vida, nosso autor queria ver e ser visto. Para tanto, cabia se inteirar acerca dos hábitos da cidade e de seus habitantes. Em uma obra intitulada *Le promeneur à Paris au XVIIIe siècle*, Laurent Turcot (2007), examina em detalhe as movimentações na vida da capital francesa e nos auxilia na compreensão acerca do papel e do espaço no qual se dava o ritual das caminhadas ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, com ênfase neste último. Segundo o autor, no final do século XVII a moda sugeria a realização do que se chamava de “caminhadas de civilidade” que deveriam ser praticadas em locais determinados e seguindo os ditames da etiqueta. Nesse sentido, “O lugar ideal para caminhar se torna a cidade, ou melhor, seus calçadões públicos.” (TURCOT, 2007, p. 56)

Rousseau busca se integrar à cidade e adere ao hábito das caminhadas urbanas, nos locais determinados. Nas *Confissões* (2018, p. 273) ele nos informa que “Todas as manhãs, pelas dez horas, ia passear no Luxemburgo, com um Virgílio ou um Rousseau no bolso...”<sup>4</sup>

Após se ligar à Diderot e aos enciclopedistas, nosso autor se esforça para ser conhecido na cena cultural parisiense, primeiramente através de projetos e escritos sobre música. Mas é justamente quando ia à pé, em uma de suas visitas à Diderot, que se encontrava preso no Castelo de Vincennes, que Rousseau terá a ocasião oportuna para ingressar também no mundo das letras e da filosofia. Essa caminhada que assume uma importância central na vida e na obra de Rousseau será descrita pelo autor no livro VIII de suas *Confissões*. Vejamos:

Naquele ano de 1749, o calor foi excessivo. De Paris a Vincennes são duas léguas. Não estando em condições de pagar fiacres, às duas horas da tarde eu ia à pé, quando só e caminhava depressa para chegar o mais cedo possível. As árvores do caminho, sempre espalhadas à moda do país, quase não davam sombra; e frequentemente, cansado pelo calor e pela fadiga, estendia-me por terra, sem poder andar. Achei bom, para moderar meu passo, levar um livro comigo. Um dia levei o *Mercure de France*; e enquanto caminhava e o folhava, deparei com a questão da Academia de Dijon para o prêmio do ano seguinte – *Se o progresso das ciências e das artes tinha contribuído para corromper ou para apurar os costumes*. (ROUSSEAU, 2018, p. 331)

Nessa autobiografia, Rousseau revisita o dia da famosa “Iluminação de Vincennes” que havia sido descrita inicialmente em sua *Carta à Malheserbes*, do dia 12 de janeiro de 1762 (teriam sido 4 cartas no total)<sup>5</sup> ou mesmo do que poderíamos

<sup>4</sup> Rousseau refere-se aqui a seu homônimo Jean-Baptiste Rousseau (1671-1741), poeta e autor de *Odes, cantatas, epigramas e poesias diversas* (1723).

<sup>5</sup> Vejamos a descrição apresentada por Rousseau nesta famosa Carta: “Gostaria, Senhor, de poder descrever esse momento que produziu em minha vida uma época tão singular e estará sempre presente, ainda que eu viva eternamente. Ia ver Diderot, então prisioneiro em Vincennes; tinha comigo um *Mercure de France* que comecei a folhear ao longo do caminho. Esbarrei na questão da Academia de

chamar hoje, ironicamente, de “Insolação de Vincennes”, dadas as questões climáticas e o hábito de sombreamento pouco ecológico, descrito na cena. Rousseau menciona ainda, retrospectivamente, que este momento que determinou sua entrada na carreira de filósofo também teria marcado o início de suas desventuras. Sigamos nessa trilha :

Naquela ocasião lembro-me perfeitamente de que, ao chegar a Vincennes, estava numa agitação que raiava o delírio. Diderot percebeu-a; expliquei-lhe a causa e li para ele a prosopopeia de Fabricius, escrita a lápis dà sombra de um carvalho. Aconselhou-me a dar largas às minhas ideias e a concorrer ao prêmio. Assim o fiz e desde então fiquei perdido. O resto todo de minha vida e minhas infelicidades foram o inevitável efeito daquele momento de desvario. (ROUSSEAU, 2018, p. 332)

Foi justamente durante uma caminhada, numa visita a Diderot que Rousseau “iluminou-se”, não foi dentro de seu gabinete de estudos, ou num seminário. Ocorreu durante uma caminhada, e diante de uma pergunta inesperada. De forma que, é impossível afastá-la da ideia de “*insight*” ou de epifania. Acontece que, se na “Iluminação de Vincennes” a caminhada e as conjecturas filosóficas entrecruzaram-se de modo espontâneo, anos mais tarde, Rousseau, já sabendo da poderosa combinação que resultara da soma daquele forte entrecruzamento, utilizar-se-á dessa combinação como método para refletir. Dessa forma, nas *Confissões*, cremos haver uma sólida pista da função das caminhadas em seu pensamento e em seus escritos, para além dos efeitos sobre sua saúde física e mental.

Diferentemente do que acontecera na “Iluminação”, desencadeada em 1749 – da qual surgiu o *primeiro Discurso* – onde Rousseau não estava caminhando com a intenção de utilizar a prática como metodologia, anos mais tarde, em 1753, depois da publicação e conseqüente aclamação desse escrito, já tendo provado a vida agitada dos círculos intelectuais parisienses, o autor toma uma decisão importante. Nas *Confissões* ele nos informa acerca de sua estratégia de escrita para dar conta da questão proposta pela Academia de Dijon, em 1753, que questionava acerca da origem a desigualdade entre os homens:

Para meditar à vontade sobre esse grande assunto, fiz uma viagem a Saint-Germain, viagem de sete ou oito dias, com Thérèse, nossa hospedeira, que era uma boa mulher, e uma de nossas amigas. Conto esse passeio entre uns dos mais agradáveis da minha vida [...]. O resto do dia, metido na floresta, ali procurava, e encontrava a imagem dos primeiros tempos, cuja história traçava firmemente; não dava quartel às pequenas mentiras dos homens; usei desvendar-lhes a natureza, seguir o progresso do tempo e das coisas que a desfiguraram e, comparando o homem do homem com o homem natural, mostrar-lhes, em seu

---

*Dijon que motivou minha primeira obra. Se jamais alguma coisa assemelhou-se a uma inspiração subida, foi o movimento que se fez em mim ante essa leitura. De repente, senti meu espírito iluminado por mil luzes; uma multidão de idéias [sic] vívidas apresentou-se ao mesmo tempo com uma força e uma confusão que me lançou em inexprimível desordem; senti a cabeça tomada por um atordoamento semelhante à embriaguez. Uma violenta palpitação me oprimiu, ergueu-me o peito; não mais podendo respirar e andar, deixei-me cair sob uma das árvores da avenida lá fiquei uma meia hora em tal agitação que, ao levantar-me, percebi toda a parte de frente de meu casaco molhada pelas lágrimas que tinha derramado sem perceber. Senhor, se algum dia pudesse escrever a quarta parte do que vi e senti sob essa árvore, com que clareza teria mostrado todas as contradições do sistema social, com que força teria exposto todos os abusos de nossas instituições, com que simplicidade teria provado ser o homem bom naturalmente e apenas por causa dessas instituições os homens tornam-se maus.” (ROUSSEAU, 2005, p. 24)*

pretensão aperfeiçoamento a verdadeira fonte de suas misérias. Minha alma, exaltada por essas sublimes contemplações, elevava-se à Divindade; e vendo dali os meus semelhantes seguirem, numa cega rotina de seus preconceitos, a de seus erros, de suas infelicidades, seus crimes, gritava-lhes com voz fraca que eles não podiam ouvir: “Insensatos que vos queixais incessantemente da natureza, aprendei que todos os vossos males de vós mesmos provêm!” (ROUSSEAU, 2018, p. 366-367)

Da citação acima, a primeira e fundamental informação que nos interessa é o fato de Rousseau resignar-se de Paris e ir “meter-se na floresta” de Saint-Germain. Na sequência do texto o autor ainda confessa que “Aquele passeio e aquela ocupação fizeram bem ao meu humor e à minha saúde” (ROUSSEAU: 2018, p. 367). Com o sucesso da publicação do *primeiro* e deste *segundo Discurso*, o filósofo se tornou célebre nos círculos de eruditos; acabou conhecendo e convivendo com o luxo e o *glamour* da aristocracia. O autor passou, dessa forma, a viver entre os escritores da moda e a frequentar os ambientes nos quais surgiam as ciências e as artes das quais ele próprio havia feito tão má avaliação em seu primeiro escrito. Viver e conviver com os nobres e com as pessoas de letras evidentemente começou a desagradar o filósofo. Viviam então no ambiente tipicamente urbano dos grandes centros, regido pelas aparências e pelo amor-próprio, para o qual ele afirma não estar preparado.<sup>6</sup>

Vivendo na grande capital e ansiando pela vida junto à natureza, Rousseau utiliza-se de todo seu tempo livre para seus passeios campestres. Segundo ele : “Durante vários meses, depois de meu jantar ia passear pelo bosque de Bolonha, meditando assuntos de obras, e só voltava à noite.” (ROUSSEAU, 2018, p. 368) O que Rousseau está a fazer nesse momento, com seus hábitos e sobretudo com a descrição literária dos mesmos, é contribuir para transformar a “caminhada de civilidade”, regrada e regida pelas aparências, nas caminhadas em meio a natureza.<sup>7</sup> É nesse sentido, conforme afirma Turcot (2007, p. 100), que : “Rousseau elabora uma nova estética da caminhada em seus escritos, uma estética que confirma a tendência que vem se desenhando desde o início do Iluminismo: a individualização da caminhada”.<sup>8</sup>

Não se trata mais de ver e ser visto, de andar sempre acompanhado, mas de fortalecer a saúde e, sobretudo, de reencontrar-se consigo mesmo; de meditar e de esquecer os problemas cotidianos das grandes cidades. É a partir desta época também, que Rousseau começa a se tornar mais cáustico em suas críticas à vida nas

---

<sup>6</sup> Nesse sentido podemos ler ainda nas Confissões (2018, p. 368) “A vida de Paris entre pessoas pretensiosas era muito pouco a meu gosto, as intrigas dos homens de letras, suas vergonhosas disputas, a pouca boa-fé em seus próprios livros, os ares brilhantes na sociedade, me eram tão antipáticos, neles encontrava tão pouca doçura, de franqueza de coração, de franqueza no trato com os amigos que, desgostoso com aquela vida tumultuosa, começava a suspirar ardentemente por uma estadia no campo.” (ROUSSEAU, 2018, p. 368)

<sup>7</sup> Conforme podemos ler em Turcot (2007, p. 92) : “Jean-Jacques Rousseau foi provavelmente o crítico mais ferrenho e influente deste período. No *Emílio*, ele esboça um quadro da sociedade na qual os costumes do mundo, determinados pelos imperativos da civilidade, têm o único objetivo de distanciar o homem de sua natureza mais profunda e do estado da natureza. Desacreditado por certos enciclopedistas, filósofos e escritores, a civilidade é quase como “uma comédia de aparências à qual os pequenos ainda têm a fraqueza de dar algum crédito”. ”

<sup>8</sup> É precisamente isso que nos diz Laurent Turcot (2007, p. 93) : “Os autores dos tratados do século XVIII sobre civilidade introduziram uma nova forma de caminhar, mais verdadeira, mais sincera e mais natural. A caminhada deveria expressar a “verdade dos sentimentos interiores”. Assim, foi aos poucos se desprendendo do ritual para adquirir seu próprio significado, permitindo que fosse vivido livremente, sem restrições normativas. A caminhada individual é encorajada”.

capitais e à hipocrisia das classes abastadas e intelectuais. A partir de então ele começa a esboçar seu plano de afastar-se do “mar de vícios” que era Paris e ir residir na campanha.

## O novo Diógenes

A decisão do filósofo de abster-se de Paris, e, portanto, de um ambiente mais artificioso, e partir para a floresta, com o intuito de meditar melhor, representa o próprio movimento de contraposição do artificioso em função do natural. A floresta remete o filósofo aos “primeiros tempos”; àquela natureza que, conforme já aludimos, erige-se como contraponto da vida dita “civilizada”. Para meditar melhor, deve-se, de acordo com a postura rousseauísta, primeiramente, “desvencilhar-se” do domínio dos artifícios.

Em 1756 Rousseau parte para Montmorency, primeiramente instala-se na Hermitage e depois na casa do Mont-Louis. Este momento de sua vida é descrito no livro IX das *Confissões*. Tomado o “primeiro passo” que é o afastamento da vida citadina em prol de uma aproximação do ambiente campestre, Rousseau nos apresenta um segundo fator crucial, que é a imersão e o contato direto com o ambiente mais natural.<sup>9</sup>

Após ter percorrido em seus passeios todos os atalhos, todos os pequenos caminhos, os bosquetes em um autêntico “delírio campestre”, Rousseau resolve voltar ao trabalho. Reservando as manhãs à cópia das partituras, seu trabalho mais “braçal”, deixava todo o resto do dia reservado à natureza adjacente. Mas porque ele passava tanto tempo perambulando pela floresta; qual a função de tal atitude? Acreditamos encontrar essa resposta numa passagem das *Confissões*, onde ele escreve:

[...] não conseguindo nunca escrever à minha vontade senão *sub dio*, não me sentia tentado a mudar de método, e contava muito que a floresta de Montmorency, que ficava perto, seria dali por diante o meu gabinete de trabalho. Tinha uma porção de coisas começadas; passei-as em revista. Tinha projetos magníficos; mas no aturdimento da cidade, a execução fora lenta até aquele momento. Contava ser mais diligente quando tivesse menos distrações. (ROUSSEAU, 2018, p. 382)

Conforme revelou Rousseau, para escrever à vontade era-lhe necessário estar ao “ar-livre”, em contato íntimo com a natureza. Desse modo, os passos foram, primeiramente, afastar-se da subalternação aos artifícios, e em seguida, aproximar-se dos ambientes naturais; inserir-se neles. Vivendo mais próximo em meio à natureza, o filósofo consegue meditar melhor. Longe das degenerações que comandam a vida luxuosa, o autor pode aproximar-se de sua intimidade. O ambiente da cidade lhe comprometia em tantos acordos e compromissos sociais que não o permitia encerrar os seus escritos. E apesar dos protestos e das inquietações

---

<sup>9</sup> Conforme Frédéric Gros (2011, p. 100): “Tendo passado dos quarenta anos, é necessário virar a página dos empreendimentos sociais, das amizades famosas, das modas turbilhonantes e dos mexericos incessantes. Rousseau não queria mais do que os caminhos da floresta. Estar sozinho, longe da bagunça ».

provenientes de alguns de seus amigos e correspondentes<sup>10</sup>, este foi talvez o período mais produtivo de Rousseau. Datam deste período a *Carta a D'Alembert*, os *Escritos sobre Saint-Pierre*, a *Nova Heloísa*, o *Contrato social* e o *Emílio*.

Mas o afastamento de Paris e as duras críticas ao luxo e às convenções sociais farão com que Rousseau passe a ser considerado um “novo Diógenes” em referência à Diógenes de Sínope, conhecido na antiguidade sob a alcunha de “o cão”. Em uma carta endereçada ao médico Tronchin, Voltaire refere-se desta maneira: “eles disseram A paz, a paz, e não havia paz alguma, e Rousseau, este Diógenes louco, propõem a paz perpétua” (VOLTAIRE ; *Apud*, RAMEL, 2000, p. 35). Em um capítulo intitulado *A recepção do cinismo. Diógenes no Iluminismo*. Niehus-Pröbsting (2007, p. 362) afirma que os filósofos das Luzes associavam ao cinismo ideias como a liberdade de preconceitos, a crítica das autoridades seculares e religiosas, a autonomia do indivíduo etc. Somado a isso poderíamos incluir ainda, obviamente, as críticas ao luxo e o amor pela natureza, elementos bastante presentes na vida e na obra de Rousseau. O tom considerado “excessivo” das críticas de Rousseau à sociedade da época e aos ricos<sup>11</sup> ensejam também a ideia de loucura, e seus contemporâneos transformam “a palavra “cínico” num termo ofensivo que os iluministas aplicam ao estranho dentro de suas próprias fileiras, Rousseau.” (NIEHUES-PRÖBSTING, 2007, p. 362). Além disso toda a trama do primeiro e do segundo *Discursos* ajudavam a estabelecer esta analogia. Vejamos:

Sugeriu-se a transição de Diógenes para Rousseau especialmente porque Rousseau parecia seguir os passos do cínico em sua crítica cultural e na idealização da natureza intocada no primeiro e no segundo dos *Discursos*. [...] “Para um ouvido treinado nos clássicos, a marca de Diógenes no *Discurso sobre a Desigualdade* não poderia passar despercebida.” Os contemporâneos notaram essa marca imediatamente e chamaram Rousseau de um novo Diógenes. (NIEHUES-PRÖBSTING, 2007, p. 369-370)

Se a “comparação com Diógenes logo se tornou lugar-comum entre os contemporâneos de Rousseau”, como nos Niehus-Pröbsting (2007, p. 370), “O Próprio Rousseau, no entanto, apenas raramente referia-se ao cínico.” Ele atribui o

---

<sup>10</sup> “[...]. No Natal de 1761, Malesherbes havia escrito a Rousseau manifestando sua apreensão pela vida solitária escolhida pelo filósofo, que vivia recluso em Montmorency, nos arredores de Paris. Para Malesherbes, a solidão de Rousseau, ao somar-se à sua ‘melancolia lúgubre’ e à ‘negra bília que o consumia’, aumentava prodigiosamente sua infelicidade. Em quatro cartas redigidas no mês seguinte, Rousseau buscou expor as razões de seu apego à solidão e desmentir que sua vida fosse por isso miserável. De fato, era exatamente a solidão que lhe permitia usufruir prazeres usualmente desconhecidos pelas demais pessoas. Extremamente bem escritas, com uma qualidade literária e poética que, particularmente na Carta 3, antecipa os Devaneios do caminhante solitário, as Cartas a Malesherbes possuem uma importância que vai além do papel normalmente reconhecido de ensaio preparatório para as Confissões, que Rousseau já começava a planejar e cuja redação iniciaria alguns anos depois” (MARQUES, 2005, p. 10).

<sup>11</sup> Vejamos alguns elementos de convergência entre Rousseau e os cínicos antigos: “A crítica mais dura dos cínicos ataca os ricos, os ociosos da sociedade. Protegidos pela constituição civil e suas instituições, eles adquirem e aumentam suas posses explorando o trabalho dos outros. E a ordem do Estado até mesmo protege a propriedade das exigências daqueles que a criam. Mas a constituição civil não é idêntica à lei natural, pois a lei natural não conhece escravos por nascimento. Pela natureza, o trabalhador não se distingue do mestre, mas ambos são iguais.” (NIEHUES-PRÖBSTING, 2007, p. 364-365)

seu cinismo episódico<sup>12</sup> ao ambiente urbano, comandado pelo amor-próprio e pelas importunações. Além disso, o seu lado cínico, que marcou seus primeiros escritos “com toda a bília e mau humor”, tal como ele descreve no livro VIII das *Confissões*, possuía muito da influência de Diderot, e por fim, era fruto de sua timidez excessiva, que tornava a vida nos salões da alta sociedade uma tortura para alguém que, como ele, não possuía o traquejo exigido nestes ambientes. “Por vezes tornei-me cínico e cáustico; fingi desprezar a delicadeza que eu não sabia pôr em prática”. (ROUSSEAU:2018, p. 348) Ainda conforme Niehus-Pröbsting (2007, p. 373):

Quando ele deixou a cidade e se refugiou em Hermitage, despiu imediatamente esse cinismo que lhe havia sido forçado. O cínico é um produto da vida urbana. [...] Longe das pessoas, na solidão da natureza, Rousseau recuperou a sua essência, a sua natureza. O cinismo não era natural, mas artificial. Rousseau tornou-se bom novamente. (NIEHUES-PROBSTING, 2007, p. 373)

Seu afastamento das turbulências da grande cidade e da ação maléfica do amor-próprio, fazem com que Rousseau se re-conecte com a natureza. Passeios pelas florestas e também num bioma considerado excessivamente selvagem, como as montanhas, passam a integrar as reflexões os escritos e as práticas de nosso filósofo da natureza.

### **Caminhadas nas montanhas**

Na carta XXIII da primeira parte de seu romance epistolar *A nova Heloísa*, Rousseau se serve do personagem Saint-Preux para descrever as montanhas do Valais e as influências deste meio sobre as paixões e os sentimentos morais. Inicialmente ele menciona as distrações causadas por “imensas rochas” ou por “altas e ruidosas cascatas” que o impediam de devanear à seu bel prazer. Uma mistura espantosa de natureza selvagem e de natureza cultivada lhe “mostrava por toda parte a mão dos homens onde teríamos pensado que eles nunca tivessem penetrado” (ROUSSEAU, 1994, p. 82). As descrições desta caminhada pelas altas montanhas, através das nuvens, de onde se via “o raio e a tempestade formarem-se abaixo de nós” faz com que ele recobre a paz interior que havia perdido. Segundo o seu personagem “sobre as altas montanhas, onde o ar é puro e sutil, sentimos em nós a respiração mais fácil, o corpo mais leve, maior serenidade de espírito” neste ambiente extremo as meditações tomam um “caráter grande e sublime, proporcional aos objetos que nos impressionam”. Nosso autor se mostra surpreso pelo fato de que estes “banhos de ar salutar e benéfico das montanhas não sejam um dos grandes remédios da medicina e da moral.” (ROUSSEAU, 1994, p. 83)

Em seu livro *Jean-Jacques Rousseau et l'espoir écologiste*, Schneider examina estas descrições das montanhas e suas relações com as mudanças nos estados de alma, afirmando que: com Rousseau “nasceu o mito da montanha” (1978, p. 25). Segundo este autor:

Rousseau tornou moda passear nas montanhas, uma região que antes era considerada inóspita, terrível e selvagem. Du Bellay e Montaigne, tendo tido que atravessar a Suíça em seu retorno da Itália, estavam convencidos de que haviam se aventurado nos infernos e saúdam Lyon como um paraíso de graça. Nos

---

<sup>12</sup> “O cinismo de Rousseau não foi uma convicção ou uma posição básica, mas uma reação temporária – e uma imagem que os outros fizeram dele.” (NIEHUES-PROBSTING, 2007, p. 373)

séculos XVII e XVIII, as pessoas não pensavam o contrário. Jean-Jacques Rousseau, familiarizado com os Alpes desde sua infância, não os considerava como um lugar amaldiçoado. Ele fez mais, ele revelou sua beleza, sua estranheza, sua grandeza, abrindo assim o caminho para os turistas românticos. (SCHNEIDER, 1978, p. 124. Nossa tradução).

A o final de sua vida, na “Sétima caminhada” de sua derradeira e inacabada obra, os *Devaneios do caminhante solitário*, Rousseau conta-nos sua divertida expedição à montanha Robaila e outra feita na montanha Chasseron, localizada no Val-de-Travers, do alto da qual se pode ver, segundo ele, “sete lagos”. No verbete “Valais et les Valaisans” do *Dictionnaire de Jean Jacques Rousseau*. Mussa (2006, p. 901) argumenta no mesmo sentido que Schneider, afirmando inclusive que Rousseau é “aquele que trouxe o Valais (e ao mesmo tempo as montanhas) para a literatura francesa”. Neste verbete ainda se mencionam duas *Cartas a M. de Luxembourg* que contêm uma descrição do Val-de-Travers e de suas caminhadas em meio a este bioma majestoso. A natureza em seus diversos biomas se torna o refúgio do filósofo.

### A natureza como refúgio

Conforme afirmamos, a imbricação das caminhadas com as reflexões filosóficas de Rousseau acompanhou-o desde o seu primeiro escrito filosófico, o *primeiro Discurso*, com a “Iluminação de Vincennes” até a sua última e incompleta obra, *Os devaneios do caminhante solitário (1782)*. Se crermos nas *Confissões*, os dois momentos em que, segundo a nossa argumentação, fomentaram as caminhadas fundamentais para o filósofo aconteceram primeiro em 1749, com a “Iluminação”, e depois, em 1753, quando o autor se retirou para Saint-Germain para meditar melhor sobre o tema que discorreria no *segundo Discurso*.

Pois bem, além desses dois momentos, queremos ressaltar um terceiro, ocorrido entre os anos de 1776 e 1778, período no qual escreveu os *Devaneios*. Se o primeiro escrito rousseauísta é fruto de uma caminhada, o último é o resultado de dez passeios (*promenades*) realizados pelo autor. Mesmo após passar por todas as desventuras que lhe ocorreram após o fatídico ano de 1762, com a publicação e subsequente condenação do *Emílio* e do *Contrato social*, quatorze anos depois, em 1776, Rousseau ainda utiliza as caminhadas como método meditativo. Esse hábito foi, pois, crucial, se não para o filosofar, certamente o foi para o autor “conectar-se à sua intimidade”, ou seja, desligar-se das degenerações do amor-próprio. A natureza, entendida enquanto nossa “mãe comum”, torna-se refúgio.<sup>13</sup>

Esse foco em buscar a si mesmo e voltar a intimidade do “eu” é patente logo no primeiro parágrafo dos *Devaneios*, onde o autor escreve: “Eis-me, portanto, sozinho na terra, tendo apenas a mim mesmo como irmão, próximo, amigo, companhia. [...]. Mas eu, afastado deles e de tudo, que sou eu mesmo? Eis o que me falta procurar. [...]” (ROUSSEAU, 1995, p. 23) Rousseau tem a si mesmo como questão, volta a si mesmo, busca, enfim, a sua intimidade; fora das emergências e preocupações civis que escamoteiam o humano da busca por si mesmo, o pensador

---

<sup>13</sup> Vejamos: “[...] refugiando-me na mãe comum, procurei em seus braços subtrair-me aos ataques de seus filhos, tornei-me solitário, ou, como dizem, insociável e misântropo, porque a mais selvagem solidão me parece preferível à companhia dos maus, que somente se alimentam de traições e de ódio.” (ROUSSEAU, 1995, p. 96)

pode, finalmente, indagar-se “que sou eu mesmo?”. Uma outra passagem, também da *primeira caminhada*, acentua a função da prática das caminhadas para o filósofo. Assim ele escreve:

Os lazeres de minhas caminhadas diárias foram freqüentemente [sic] preenchidos por contemplações encantadoras das quais tenho o desgosto de ter perdido a lembrança. Fixarei pela escrita as que ainda poderei ter; cada releitura me devolverá sua alegria. Esquecerei minhas infelicidades, meus perseguidores, meus opróbrios, pensando na recompensa que merecera meu coração. Estas folhas não serão de fato senão um informe jornal de meus devaneios. Nelas, tratar-se-á muito de mim, porque um solitário que reflete se ocupa necessariamente muito consigo mesmo. De resto, todas as idéias [sic passim] estranhas que me passam pela cabeça, ao caminhar, nelas encontrarão igualmente seu lugar. Contarei meus pensamentos exatamente como surgiram e com tão pouca ligação quanto as idéias da véspera têm, geralmente, com as do dia seguinte. Porém, deles resultará sempre um novo conhecimento de meu natural e de meu humor através dos sentimentos e dos pensamentos de que diariamente se alimenta meu espírito e no estranho estado em que me encontro. (ROUSSEAU, 1995, p. 26).

As caminhadas fornecem a Rousseau a oportunidade de estudar a si mesmo. Se a caminhada da “Iluminação” capturou o filósofo de relance, revelando-o a corrupção que o progresso das ciências e as artes operam nos indivíduos, e os passeios pela floresta ajudaram o pensador na escrita do *segundo Discurso*, onde ele atesta encontrar a “genealogia dos vícios” humanos, outra coisa ocorre nos *Devaneios*. Nesta derradeira obra ele afirma que: “ um solitário que reflete se ocupa necessariamente muito consigo mesmo.” (ROUSSEAU, 1995, p. 26)

O autor utiliza as caminhadas como forma de estar mais junto a si, ou seja, de estar próximo ao seu “eu original”, e experimentar ativamente o mundo em seu entorno. Experimentar ativamente é assumir o controle, voltar-se a si mesmo; buscar aquela imagem divina que Glauco já teve um dia. Após os exílios e as perseguições Rousseau volta a habitar Paris, antes de encontrar seu último refúgio em Ermenonville. Vejamos, nesse sentido, uma descrição de sua vida na capital francesa, apresentada nos *Devaneios*, que nos confirma a vivência desta sua última fase das caminhadas no seio da natureza enquanto refúgio:

Moro no centro de Paris. Saindo de casa, desejo ardentemente o campo e a solidão, mas é preciso ir procurá-los tão longe que antes de poder respirar à vontade, encontro em meu caminho mil objetos que me comprimem o coração e a metade do dia se passa em angústias, até ter atingido o refúgio que vou procurar. Sou feliz, pelo menos, quando me deixam terminar meu caminho. O momento em que escapo ao cortejo dos maus é delicioso e logo que me vejo sob as árvores, em meio à verdura, creio estar no paraíso terrestre e saboreio um prazer íntimo tão vivo quanto se fosse o mais feliz dos mortais. (ROUSSEAU, 1995, p. 111-112)

Na recusa de completar-se na exterioridade, ou seja, em qualquer usufruto das desigualdades sociais, o pensador monta o seu “castelo” na “verdade de seu coração”, por consequência, em sua intimidade. A natureza enquanto mãe comum, acessada através das caminhadas, tal como apresentada de forma apaixonada por Rousseau, fará parte, doravante das reflexões de outros caminhantes e filósofos da natureza, o caminho foi aberto.

## Thoreau: Caminhando pelo Novo Mundo

Do outro lado do Atlântico, o “Novo Mundo” começa a envelhecer seguindo os maus passos do “Velho”. Mas antes da decrepitude ainda é tempo de gozar a natureza selvagem e exuberante. E as descrições da experiência desta natureza profunda e vigorosa nos são dadas por Henry David Thoreau. Ele que é, provavelmente, o primeiro filósofo da natureza nascido no Novo Mundo.

Catherine Larrère e Raphaël Larrère nos apresentam em seu livro *Do bom uso da natureza* (1997), algumas similitudes existentes nas obras de Rousseau e Thoreau. Vejamos:

Em 1854, Henry David Thoreau publica *Walden ou a vida nos Bosques*. Conta neste livro os dois anos que passou, sozinho numa cabana que ele próprio construiu, à beira do lago de Walden, no Massachusetts. O relato da sua vida nos bosques tem ressonâncias rousseauistas: méritos da solidão, elogio da actividade física, questionamento das pretensas vantagens de uma civilização que torna os homens dependentes uns dos outros. Esta exaltação da vida selvagem e das suas virtudes morais é uma crítica radical do materialismo utilitarista e da civilização americana. Mas uma tal apologia da natureza selvagem inverte os valores: de detestável, a natureza torna-se admirável. (LARRÈRE; LARRÈRE, 1997, p. 205).

Para além das semelhanças descritas acima, e que serão mencionadas e servirão como pano de fundo à nossa reflexão ao longo do presente artigo, gostaríamos de salientar outra, que será foco de nossa atenção e que parece ligar ainda mais claramente as vidas e as obras de ambos os autores em tela. As caminhadas, em nosso entender, se apresentam como ponto de convergência fulcral entre Rousseau e Thoreau. Se é verdade, conforme afirma Turcot (2007, p. 101), que em suas *Confissões*, Rousseau “escreveu provavelmente as mais belas páginas da história das caminhadas”, também é verdade que Thoreau, conforme nos lembra Frédéric Gros (2011, p. 123), “É o autor do primeiro tratado filosófico da caminhada”.

Enquanto seus contemporâneos corriam em direção ao ouro do oeste selvagem, Thoreau se embrenhava nas florestas, em caminhadas filosóficas no seio da mãe natureza. Não como um visitante, em um passeio esporádico, com hora pra voltar, mas como parte integrante da mesma. Thoreau abre seu tratado sobre a caminhada, intitulado justamente *Caminhando*, com a seguinte declaração:

Desejo me pronunciar a favor da Natureza, a favor da mais absoluta liberdade e do estado mais absolutamente selvagem, em contraste com uma liberdade e uma cultura meramente civis – quero defender o homem como habitante, uma parte e uma parcela da Natureza e não como membro da sociedade. (THOREAU, 1984b, p. 81)

As caminhadas eram cruciais para Thoreau assim como o eram para Rousseau. Era no exercício da caminhada que o autor contemplava a si e ao mundo. Posteriormente, essas impressões e conhecimentos eram transcritos nos *Diários*, e na sequência Thoreau os lia e aprendia consigo mesmo. É em *Caminhando* que a centralidade das “caminhadas intermináveis” é delineada. A citação seguinte exporá a centralidade dessa atividade. Diz Thoreau:

Não me sinto capaz de conservar a saúde e o bom estado do espírito se não passo pelo menos quatro horas por dia – em geral demoro mais que isso – “santerreando” através das florestas e por cima dos morros e campos, absolutamente livre de qualquer compromisso mundano. (THOREAU, 1984, p. 83-84)

Praticando a caminhada exercita-se o corpo e o espírito. Quando se está caminhando, o corpo é a finalidade da atividade, não o meio, como o é dentro da produção industrial. A corporeidade do caminhar se afasta do puro “caráter objetal” que é valorizado e exigido do corpo no trabalho industrial – no qual ele é tratado mais como um veículo, que nos transporta de um lugar para outro, do que como a única possibilidade fatídica de experiência autêntica de viver. Na sociedade dos infinitos comércios, na qual o autor está inserido, o corpo é mais utilizado naquela zona onde a sua individualidade, ela mesma, é escamoteada até o nível de automatismo; ali onde ele abdica de sua centralidade em si mesmo, e se torna uma mera mediação da efetivação da produção industrial.

Caminhando, exercita-se a estrutura física, uma atividade de grande valia à saúde humana; que se contrapõe à dinâmica de otimização do tempo – aquela oposta ao usufruto de entremeios ociosos. É nessa perspectiva que caminhar assume uma posição estratégica na *práxis* thoreauviana, ela se opõe àquela outra, onde os “artesãos e comerciantes passam não só a manhã inteira como ainda toda a tarde em suas lojas, sentados, de pernas cruzadas, tantos deles – como se pernas fossem feitas para se sentar em cima delas, e não para ficar de pé e andar [...]” (THOREAU, 1984, p. 83).

O autor utiliza a caminhada como uma forma de estar mais junto a si, ou seja, de estar próximo a intimidade de seu “eu” e experimentar ativamente o mundo em seu entorno. Mas estas caminhadas estão bem distantes das “caminhadas de saúde” prescritas pelos médicos e praticadas nos jardins de Paris durante o século XVIII, por exemplo. Tais caminhadas que mais se parecem “com remédios ingeridos pelos doentes de tantas em tantas horas” (THOREAU, 1984, p. 85). Suas caminhadas assumiam uma função vital para o corpo e para a alma. Conforme o autor afirma, “é preciso que você caminhe como um camelo que dizem ser o único animal que ruma enquanto anda” (THOREAU, 1984, p. 85).

Caminhar para pensar melhor, para refletir e para sentir o mundo; para pensar o seu próprio papel neste mundo, afastando-se do automatismo das atividades cotidianas. Essa atividade do voltar-se a si mesmo, por intermédio das caminhadas, conforme afirma o autor, comprometia-lhe no mínimo, quatro horas diárias de exercícios. Dessa forma, para ser um caminhante, para ter tempo de estar junto a si, o indivíduo precisa de entremeios ociosos, precisa afastar-se das atividades alienantes. Que elevação espiritual poderia haver no trabalho autômato e ininterrupto? E mais, some-se a isso que, como o exemplo de Thoreau tentou mostrar, certos trabalhos são inúteis, ou pior, corrompem a intimidade do “eu”.

Portando-se como um contraponto do ritmo da Concord de seu tempo, Thoreau denunciou as perversões que, segundo a sua perspectiva, imperavam na cidade: a industrialização e a otimização do tempo. Pode-se afirmar que as caminhadas de Thoreau eram uma faceta dessa sua postura de contraponto ao movimento automatizado e mecânico do trabalho comum e industrial de Concord. Vejamos:

[...] confesso que me sinto atônito com o poder de resignação, para não dizer da insensibilidade moral de meus vizinhos que se confinam em lojas e escritórios o dia inteiro durante semanas e meses, e mais, durante anos seguidos. Não sei de que estofos são feitos – sentados ali agora às três da tarde, como se fossem três da manhã. [...]. (THOREAU, 2018, p. 51)

O tempo não é dinheiro, antes, é a única possibilidade de *ser* e agir no mundo, e adquirir novas experiências. O grande problema thoreauviano é que a dinâmica de sua sociedade, imersa na revolução industrial e atada aos trâmites das ciências, não permitia ao indivíduo essa imersão em si.<sup>14</sup> Ou seja, não o permitia acessar a intimidade de seu “ser”, rogando-lhe e exigindo-lhe sempre a “casca”, o parecer, o “instrumento”. Foi justamente contra a “perversão do coração” humano provocada pelo progresso desenfreado e irrefletido das ciências que Thoreau, assim como Rousseau, argumentou. O que incomodava o autor era a degeneração da dimensão de “sinceridade” do humano – a “carne”. Dentro da dinâmica industrial de Concord, o importante e o valioso era, segundo o pensador, a “superfície”, a “casca”. Daí a influência das ciências e das artes na corrupção moral em Thoreau.

Outro ponto de contato entre nossos dois autores era a crítica dos desflorestamentos e da destruição das paisagens naturais. Tanto Rousseau quanto, posteriormente, Thoreau, aperceberam-se que uma atividade em particular provocava essa “calvície das florestas”, assim como o “desnudamento da vegetação”. A atividade mineira, ocupa, na perspectiva de ambos os autores, uma atuação destrutiva dos espaços naturais.

Se um homem gasta a metade de cada dia a passear pelas florestas simplesmente por gostar delas, arrisca-se a ser considerado um preguiçoso; mas se ele gasta o dia inteiro como especulador, devastando a floresta e provocando a calvície precoce da terra, aí então ele ganhará a admiração de seus concidadãos como pessoa ativa e empreendedora. Pode uma cidade se interessar por suas florestas apenas para acabar com elas?! (THOREAU, 1984, p. 58).

Um testemunho aberrante da consequência da dinâmica de trabalho da *New England* pode ser constatado na “calvície das florestas”. É com este termo que Thoreau nomeia o fenômeno da devastação empreendida também na prática do garimpo. Ela provoca a agressão ao solo. E, o que é pior, para os moldes morais thoreauvianos, vicia os humanos no que ele, estrategicamente, chamou de “jogos de azar”. Para ele, os garimpeiros, em sua busca incerta pelo ouro, nada mais eram que “viciados em jogos de azar”. Essa busca incessante, randômica e compulsória por

---

<sup>14</sup> “Thoreau será testemunha de todas estas mudanças e será precisamente perante a alteração da natureza e significado do trabalho, com tudo aquilo que acarreta, que contará com a sua mais firme oposição. O trabalho, neste novo sistema econômico, encontra-se desnaturalizado, já não cumpre função social alguma ou, pior do que isso, não cumpre com qualquer função formativa para o ser humano. O trabalho, questão central em Thoreau, torna-se impeditivo de uma vida plena: ocupa tempo e obstaculiza uma vida reflexiva ou contemplativa, aquela que permite, a cada ser humano, racionalizar e conhecer em todas as suas implicações, o valor e as consequências de cada decisão tomada. A vida, indefectivelmente, parece ter sido mecanizada convertendo os seres humanos em meros autómatos. A ligação privilegiada com a natureza, própria do Transcendentalismo, é sacrificada; o ser humano deixa de estar regido pelos ciclos naturais; o ideal jeffersoniano (de uma nação de base agrícola fundada sobre uma democracia da frugalidade e do mérito e com capacidade de gerar uma elite em cada um dos âmbitos da sociedade) é abandonado em favor de uma democracia populista de carácter industrial e capitalista.” (COSTA, 2015, p. 89).

ouro é exemplificada pelo pensador no fenômeno da *gold rush*<sup>15</sup>. Para o filósofo, a *gold rush* era um exemplo da decadência em que o trabalhador estadunidense se encontrava. Este se tornou um viciado – seduzido pelo ouro. Rousseau, na sua *sétima caminhada (promenade)*, também faz uma apreciação negativa do efeito de desertificação de áreas naturais. Escreve ele:

As árvores, os arbustos, as plantas são o enfeite e a vestimenta da terra. Nada é tão triste como o aspecto de um campo nu e sem vegetação, que somente expõe diante dos olhos pedras, limo e areias. Mas, vivificada pela natureza e revestida com seu vestido de núpcias no meio do curso das águas e do canto dos pássaros, a terra oferece ao homem, na harmonia dos três reinos, um espetáculo cheio de vida, de interesse e de encanto, o único espetáculo no mundo de que seus olhos e seu coração não se cansam nunca. (ROUSSEAU, 1995, p. 93)

Rousseau opera uma análise similar à de Thoreau para avaliar a condição dos trabalhadores que se submetem à procura de minerais. Revirar a lama se apresenta para o filósofo, assim como na análise thoreauviana, como uma imagem simbólica da condição do trabalhador: afundado na lama, procurando à esmo riqueza. Para os pensadores, essa situação pouco pode representar elevação moral, ou seja, pouco pode ajudar o humano na procura por sua intimidade, por seu próprio “eu”. Diz Rousseau:

[...]. O reino mineral não tem em si nada de aprazível e atraente; suas riquezas, encerradas no seio da terra, parecem ter sido afastadas dos olhares dos homens para não tentar sua cupidez. Estão lá como de reserva, para servir um dia de suplemento às verdadeiras riquezas que estão mais ao seu alcance e pelas quais perde o gosto à medida que se corrompe. Então, deve chamar em socorro às suas misérias, a atividade, a dificuldade e o trabalho; escava as entranhas da terra, vai procurar em seu centro, com o risco de sua vida e às expensas de sua saúde, bens imaginários em lugar dos bens reais que ela mesma lhe oferecia quando deles sabia desfrutar. Foge do sol e do dia que não é mais digno ver; enterra-se vivo e faz bem, pois não merece mais viver à luz do dia. Lá, pedreiras, abismos, forjas, fornos, um conjunto de bigornas, de martelos, de fumaça e de fogo substituem as doces imagens dos trabalhos campestres. Os rostos lívidos de infelizes que definham nos infectos vapores das minas, negros ferreiros, horríveis ciclopes são o espetáculo que o conjunto das minas substitui, no seio da terra, ao da verdura e das flores, do céu azulado, dos pastores apaixonados e dos trabalhadores robustos da superfície. (ROUSSEAU, 1995, p. 96-97).

Em *Caminhando* percebemos a mesma crítica desferida por Rousseau em direção ao enfeimento e à destruição das paisagens. Thoreau critica os “chamados melhoramentos”, que consistem na construção de casas por meio da “derrubada de florestas e de todas as grandes árvores” e que, em seu entender, “simplesmente deformam a paisagem, tornando-a cada vez mais domesticada e semvalor. Quem me dera um povo que preferisse pôr fogo nas cercas e deixar de pé as florestas.” (THOREAU, 1984, p. 87)

Além das aproximações estabelecidas acima, vemos também em Thoreau, em tons incrivelmente próximos ao de Rousseau, a crítica dos cercamentos e da apropriação privada dos bens públicos ou comuns. A passagem acima lembra de

---

<sup>15</sup>“A gold rush (corrida do ouro), característica da ocupação do território da Califórnia a partir de 1849, implicando na migração intensiva de milhares de homens atraídos pelas promessas de enriquecimento fácil”. (DRUMMOND, 1984, p. 78).

forma cristalina a clássica passagem com a qual o cidadão de Genebra abre a segunda parte do discurso sobre a *Desigualdade*.<sup>16</sup>

Thoreau, em nosso entender, por estranho que pareça, tem o privilégio de se encontrar no início deste triste e injusto processo de apropriação exclusiva dos espaços públicos e comuns. “Atualmente”, escreve o autor: “nas minhas vizinhanças a melhor parte das terras não é propriedade privada de pessoa alguma; ninguém é dono da paisagem e o caminhante desfruta de uma liberdade relativamente grande.” (THOREAU, 1984, p. 90) Mas o que ele percebe com clarividência profética, para infelicidade de nossa geração atual de caminhantes, é que chegará o dia em que:

[...] a terra estará dividida em diversas áreas de lazer – é esse o nome – nas quais alguns poucos terão apenas um prazer estreito e exclusivo; as cercas se multiplicarão; serão inventadas armadilhas e outras engenhocas para confinar os homens aos caminhos *públicos*; e andar pela superfície da terra de Deus terá um novo significado: o de invadir as possessões de algum senhor respeitável. (THOREAU, 1984, p. 90)

Ele convidava seus contemporâneos a gozar das possibilidades de experienciar as florestas comuns antes que chegassem os tempos ruins, previstos por ele e vivenciados por nós, infelizmente. A profecia realizou-se e mesmo num país gigante como o Brasil, é difícil encontrar terras não cercadas e sem vigilantes armados que proibam a passagem do cidadão comum. É para fugir aos maus hábitos de seus contemporâneos e à corrupção encarnada no desflorestamento e nos cercamentos que Thoreau refugia-se nas margens do lago *Walden*:

Fui para a mata porque queria viver deliberadamente, enfrentar apenas os fatos essenciais da vida e ver se não poderia aprender com o que ela tinha a ensinar, em vez de, vindo a morrer, descobrir que não tinha vivido. Não queria viver o que não era vida, tão caro é viver; e tampouco queria praticar a resignação, a menos que fosse absolutamente necessário. Queria viver profundamente e sugar a vida até a medula, viver com tanto vigor e de forma tão espartana que eliminasse tudo o que não fosse vida, recortar-lhe um largo talho e passar-lhe um alfanje, acuá-la num canto e reduzi-la a seus termos mais simples e, se ela se revelasse mesquinha, ora, aí então eu pegaria sua total e genuína mesquinharia e divulgaria ao mundo essa mesquinharia; ou, se fosse sublime, iria saber por experiência própria, e poderia apresentar um relato fiel em minha próxima excursão. (THOREAU, 2010, p. 95-96)

Nessa exigência efetuada por Thoreau de “retirar de si tudo o que não é vida”, e mais, “em reduzir a vida aos termos mais simples” acreditamos existir mais uma consonância argumentativa com Rousseau. Nota-se ainda, em ambos, a crítica do luxo e a defesa de uma certa rusticidade e frugalidade espartanas. Além disso, em ambos se percebe o desejo de conhecer e de vivenciar as leis harmônicas e naturais

---

<sup>16</sup> Vejamos na íntegra a famoso trecho em questão: “O primeiro que, tendo cercado um terreno, arriscou-se a dizer: “isso é meu”, e encontrou pessoas simples o bastante para acreditar nele, foi o verdadeiro fundador da sociedade civil. Quantos crimes, guerras, mortes, misérias e horrores não teria poupado ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou tapando o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: Fugi às palavras desse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos pertencem a todos, e que a terra não é de ninguém.” (ROUSSEAU, 1989, p. 84)

do *Kósmos*. Some-se a isso a crítica de um trabalho desumanizante e da própria escravidão e perceberemos os ecos dos antigos estóicos ou mesmo dos cínicos.<sup>17</sup>

Da mesma maneira que verificamos nos escritos de Rousseau, Thoreau também considera a “mãe Natureza” como refúgio. É o que lemos em *Caminhando* e também é o que lemos em *Walden*. Thoreau se embrenha na floresta, percorre lagos e observa as plantas durante longas horas. A atividade botânica, paixão do cidadão de Genebra, também era uma paixão do caminhante de Concord. Apesar de todas as similitudes mencionadas, é ao mencionar Linneu e a botânica que encontramos a única menção direta de Thoreau à Rousseau. O filósofo estadunidense citou o genebrino quando creditou e elogiou o sistema de Carl Nilsson Linnæus (1707-1778). Lineu é creditado, na perspectiva apresentada por Thoreau, por ter recebido, dentre outros, de Rousseau a sua avalização. Leiamos:

Se você quer ler livros sobre botânica, vá para os pais da ciência. Leia Linnaeus imediatamente, e desça dele, tanto quanto você quiser. Eu perdi muito tempo lendo os floristas. É notável o quão pouco a massa de interessados em botânica conhece Linnaeus. Seu "*Philosophia Botanica*", que Rousseau, Sprengel, e outros elogiaram tão fortemente, - duvido que alguma vez foi traduzido para o inglês. É mais simples, mais fácil para entender, e mais abrangente do que qualquer um dos cem manuais a que deu origem. Umas poucas páginas de recortes representando as diferentes partes de plantas, com os nomes botânicos anexados, valem volumes inteiros de explicação (THOREAU, 1906, p. 308-309, nossa tradução).

Se Rousseau, no começo da carreira deixou-se levar pelo modismo acerca das caminhadas nos jardins e alamedas e posteriormente limitou-se a imaginar e sonhar com a natureza selvagem enquanto passeava pelas florestas antropizadas da Europa, Thoreau, do outro lado do Atlântico, ainda podia passear livremente pelas florestas virgens, e apenas pressentia e antecipava as terríveis ações humanas que cercariam e privatizariam a natureza comum em nome de prazeres e desejos egoístas e exclusivos; processo que se estenderia e se radicalizaria através dos cercamentos das fontes de água e das cachoeiras, tal como veremos no próximo subtópico.

## Andando sobre as águas

Antes de concluirmos o passeio pelas obras de nossos filósofos da natureza, façamos ainda uma breve incursão em seu pensamento sobre as águas. Impressiona o quanto o ambiente aquático está presente em suas escritas: rios, riachos, e lagos

---

<sup>17</sup> Thoreau não assume qualquer vinculação com o pensamento cínico, apesar das inúmeras semelhanças que poderiam ser mencionadas. Em *Caminhando*, o autor faz referência aos pensadores antigos que caminhavam e jardins e não se aventuravam na natureza. Vejamos: “Até mesmo algumas seitas de filósofos sentiram a necessidade de que lhes fosse trazida a madeira das florestas, já que eles não se aventuraram por lá. “Eles plantavam bosques e aléias de plátanos”, onde empreendiam **subdiales ambulationes** através de pórticos ao ar livre.” (THOREAU, 1984, p. 86) Ele chega a mencionar Diógenes de passagem, mas de forma depreciativa e mesmo controversa. Leiamos: “Sabemos que durante a expedição Alexandre Onescritus foi enviado para um encontro com alguns integrantes da seita hindu dos gimnosofistas; depois de lhes ter falado dos novos filósofos do Ocidente, Pitágoras, Sócrates e Diógenes, um deles, chamado Dandamis, disse que pareciam ser homens geniais que, no entanto, se permitiam viver de forma excessivamente passiva no que se referia as leis. Até hoje os filósofos do Ocidente estão sujeitos a esta sábia crítica.” Somos levados a acreditar que, de fato e infelizmente, talvez Thoreau ignore o pensamento de Diógenes e dos demais cínicos.

fazem tomam parte importante nas descrições de uma Natureza viva e aprazível. As águas embalam e tonificam os pensamentos daqueles que fogem da algazarra e das atribulações dos ambientes urbanos e que se refugiam no seio da “mãe natureza”.

Rousseau nos apresenta, ao longo de sua obra, um pensamento rico e interessante sobre as águas. Conforme examinamos em outro lugar, em seu entender, a água exerce papel fundamental “no que concerne à socialização humana e também no que diz respeito à emergência dos conflitos sociais.” (BECKER, 2022, p. 238) Este elemento é objeto de reflexão em várias de suas obras.<sup>18</sup> Mas é na *Quinta caminhada* de seus *Devaneios* que o autor nos oferece algumas de suas mais belas páginas acerca de seus contatos com os ambientes aquáticos. E, mais precisamente sobre suas andanças sobre as águas do Lago de Bienne. O autor nos informa acerca de seu estado de espírito quando se refugia na Ilha de Saint-Pierre, em meio ao em meio ao referido lago. “Foi nessa ilha que me refugiei após a lapidação de Môtiers. A estada foi tão agradável, levava uma vida tão adequada ao meu humor que, resolvido a nela acabar meus dias, tinha uma única inquietação, a de que não me deixassem executar esse projeto”. (ROUSSEAU, 1995, p. 72).

Rousseau chegou à ilha no dia 9 de Setembro de 1765, mas, contrariamente aos seus anseios só pôde permanecer ali durante dois meses. Albert Metzger, em seu livro *Jean Jacques Rousseau à L'île de Saint Pierre (Lac De Bienne) 1765*, que examina esta fase curta e aprazível da vida do filósofo, nos informa:

Quando veio viver na ilha, ele estava triste e desanimado; já tinha lançado ao mundo o seu *Emílio* e o seu *Contrato Social*, estes dois livros que deveriam ser para o mundo como o evangelho da Revolução, e a França, que Luís XV estava a chafurdar em decadência, tinha respondido expulsando-o do seu território. Ele já tinha pensado encontrar a paz nesta Suíça francesa, onde tinha nascido, onde tinha amado, onde o seu pai o tinha embalado, quando criança, com a leitura saudável e republicana de Plutarco; e Genebra, por sua vez, exilou-o em função de suas *Cartas da Montanha* (METZGER, 1877, p. 8. NT).

O filósofo costumava realizar caminhadas matutinas que conservavam sua saúde e melhoravam seu humor. Ele descreve as mudanças em seus pensamentos, devaneios que eram embalados pelo fluxo e refluxo da maré, colocando-o em contato consigo mesmo e anestesiando as mágoas e maus pensamentos. Ouvia apenas o ruído das águas do lago ou contemplava as montanhas “à margem de de um belo rio ou de um regato a murmurar sobre o cascalho.” (ROUSSEAU, 1995, p. 76). Frequentemente deitado no chão do barco, navegando à deriva, ao sabor das ondas e dos pensamentos, aos poucos ia esquecendo as mazelas que provinham da sociedade. As águas permitiam o devaneio e o esquecimento dos problemas advindos do meio urbano. Rousseau usufruía de sua existência sobre as águas do lago ou erborizando nas ilhas, gozando de uma insularidade bem condizente com seus anseios do momento. O convívio com a família de seu hospedeiro lembrava-lhe acerca dos compromissos de civilidade, mas mesmo esse pequeno círculo social, podia atrapalhar seus passeios existenciais. Após o almoço, fazia o possível para reencontrar a natureza circundante. Mas quando as conversações se prolongavam ele se esquivava e saía discretamente, à francesa, diríamos:

<sup>18</sup> Para maiores detalhes acerca do pensamento de Rousseau sobre as águas, remetemos o leitor ao texto *Um olhar sobre a ética das águas em Rousseau*. BECKER, Evaldo. In: SILVA, Genildo Ferreira da (Org.) . **Respeito à liberdade e à vida: pensar justiça e direitos a partir de Rousseau**. Salvador: EDUFBA, 2022, pp. 237-247.

[...] ia me atirar sozinho, num barco, que conduzia ao centro do lago, quando a água estava calma, e lá, estendendo-me completamente no barco, com os olhos voltados para o céu, deixava-me estar e derivar lentamente ao sabor da água, algumas vezes durante horas, mergulhando em mil devaneios confusos mas deliciosos, e que, sem nenhum objeto bem determinado nem constante, não deixavam de ser, na minha opinião, cem vezes preferíveis a tudo o que encontrara de mais doce no que chamam os prazeres da vida. Frequentemente, advertido pelo pôr do sol, da hora da volta, encontrava-me tão longe da Ilha que era forçado a remar com todas as forças para chegar antes da noite fechada, outras vezes, em lugar de me afastar ao largo, gostava de costear as verdejantes margens da Ilha, cujas águas límpidas e cujas sombras frescas muitas vezes me levavam a banhar-me. (ROUSSEAU, 1995, p. 74.

Essa atração pelas águas e as andanças ao lado ou sobre elas também aparecem de forma límpida e tonificada na escrita do filósofo do “Novo Mundo”. Atavés de uma escrita cambiante e complexa,<sup>19</sup> Thoreau alterna as narrativas idílicas de sua estadia nas margens do lago Wluden com descrições minuciosas da fauna e flora locais durante as quatro estações do ano. O autor critica as intervenções desastrosas e prejudiciais que alteram e deformam a paisagem e que agridem a natureza. Intervenções motivadas pelo mesquinho desejo de enriquecimento monetário que empobrece e desumaniza o espírito. Para nosso autor, “o lago é o traço mais belo e expressivo da paisagem. É o olho da terra; fitando dentro dele, o observador mede a profundidade de sua própria natureza.” (THOREAU, 2010, p. 181)

No capítulo *Os lagos* Thoreau narra suas experiências sobre as águas, descrevendo passeios realizados nas noites quentes, nas quais, sentado no barco, tocava flauta para os peixes que rodeavam sua embarcação. A semelhança das descrições da natureza aquática e dos motivos que o levam a buscá-las são incrivelmente semelhantes com àquelas feitas por Rousseau.

Às vezes, depois de ficar numa sala de visitas da cidade até a família se retirar, eu voltava para a mata e, em parte pensando no almoço do dia seguinte, passava os meados da noite pescando num barco ao luar, ao som da serenata de corujas e raposas, e de tempos em tempos ouvindo ali perto o canto chiado de algum pássaro desconhecido. Essas experiências me eram muito valiosas e memoráveis – ancorado em doze metros d’água, e a cem ou cento e cinquenta metros da margem, à vezes cercado por milhares de pequenas percas e peixinhos prateados que ondeavam a superfície com suas caudas ao luar. (THOREAU, 2010, p. 170)

Nota-se apenas uma diferença, que diz respeito à pesca, esta atividade visceralmente filosófica. Enquanto a pesca e os peixes ocupam páginas e páginas da escrita thoreauviana ela está completamente ausente da experiências vivenciadas e descritas por Rousseau, acerca de sua estadia no Lago de Bienne, onde preferia se dedicar à botânica, paixão partilhada por ambos.

Como podemos perceber, navegar sobre as águas é, para ambos, a forma mais adequada de reconectar-se com a natureza e olvidar as querelas da sociedade, os modismos e a mesquinha utilitarista de seus condidadãos; que só se interessam

---

<sup>19</sup> (Gros, 2017, *Préface*, p. 15). Concordamos com o que Frédéric Gros escreve no Prefácio à Walden: “Walden não pertence a nenhum gênero literário específico. O texto assume formas literárias mutáveis, caprichosas e imprevisíveis. Meditação íntima, descrição extasiante, manual prático, guia naturalista, panfleto político...”. (GROS, 2017, p. 15).

pela natureza na medida em que ela pode ser trocada por moedas e desfigurada para gerar lucro e conforto. Thoreau abomina a exploração comercial que transforma lagos em pocilgas, nas chamadas “fazendas modelo”. Ele menciona mesmo a “superioridade moral” dos lagos em comparação com a baixesa de seus vizinhos que só faziam desmatar as margens e vender, de forma exclusiva, as águas congeladas dos lagos para exportá-las em troca de algumas moedas. Tal fato estarrece o filósofo de Concord, que possui uma memória afetiva e respeitosa pelos lagos da região e em especial por Walden, que lhe propiciou o ambiente perfeito para o desabrochar de seus devaneios. Os devaneios, configuram-se como mais um ponto de contato entre Rousseau e Thoreau; e as águas parecem despertar e fomentar este tipo de pensamento. Vejamos:

Quando era mais jovem, eu passava muitas horas flutuando em sua superfície ao sabor do zéfito, depois de remar até o centro dele, deitado de costas e de comprido nos bancos, no final das manhãs de verão, perdido em devaneios, até ser despertado pelo barco tocando a areia, e levantava para ver a que praia meus fados haviam me impelido; dias em que o ócio era o trabalho mais atraente e produtivo.” (THOREAU, 2010, p. 185)

No capítulo intitulado *O lago no inverno*, o habitante das margens do lago Walden nos dá a seguinte descrição de seus passeios sobre as águas congeladas, abrindo caminho através de trinta centímetros de neve, para depois cortar caminho através de mais trinta centímetros de gelo para enfim, recortar:

[...] uma janela sob meus pés, por onde, ajoelhando-me para beber, olho lá embaixo, no silencioso salão dos peixes, trespassado por uma luz que se atenua como se passasse por uma janela de vidro fosco, com seu leito arenoso brilhante tal como no verão; onde reina uma perene serenidade constante como no céu amabrino de crepúsculo, correspondendo ao temperamento calmo e inalterável dos habitantes. O céu está sob nossos pés e sobre nossas cabeças. (THOREAU, 2010, p. 268-269)

Em seu livro *Un Yankee au Canada*, que narra uma excursão de uma dezena de dias pelo Canadá, mais especificamente, na região do Quebeque, Thoreau descreve a descida de barco feita à partir de Montreal até a cidade do Quebeque. O autor se espanta ao descobrir que a Cachoeira de Montmorency, localizada nas proximidades da cidade do Quebeque havia sido privatizada, e tornara-se propriedade de um particular. Como poderia conceber-se que uma maravilha da natureza, uma paisagem sublime que deveria pertencer à coletividade poderia tornar-se algo de uso exclusivo de um particular, mesmo que fosse para explorar turisticamente este patrimônio que deveria ser comum.

A existência em contato com a natureza selvagem e vigorosa propicia à ambos os autores o ambiente perfeito para uma vida autêntica. Propicia ainda o afastamento dos ambientes urbanos e corrompidos. A crítica do luxo, da desigualdade e da escravidão de um lado; e o elogio das leis da natureza e da harmonia dos ambientes selvagens e afastados dos centros urbanos, aliados ao amor pelas caminhadas, são elementos que aproximam os filósofos Rousseau e Thoreau, mas também são elementos que os filiam de alguma maneira, mesmo que de forma não assumida, aos cínicos caminhantes antigos.

Perambular pela natureza, vivenciando-a de forma existencial e profunda, fazendo com que ela tonifique e fortaleça seus devaneios e reflexões, torna-se uma

atividade autenticamente filosófica. A Filosofia da natureza deve muito à caminhadas e aos filósofos caminhantes. Estas aparecem enquanto alternativa aos excessos daquilo que chamamos de civilização. Diógenes, Rousseau, Thoreau e outros tantos caminharam pelo mundo e refletiram acerca dele. E se quisermos, podemos continuar suas andanças por novas ou velhas trilhas do pensamento filosófico.

Mas antes de terminarmos nossa caminhada, talvez seja melhor regressarmos alguns passos, para mencionarmos outros dois caminhantes adeptos das andanças urbanas. O primeiro, um leitor de Rousseau, Immanuel Kant, que segundo conta a lenda, atrasou-se para suas caminhadas cotidianas apenas duas vezes, a segunda quando soube do início da Revolução Francesa e a primeira para adquirir o mais rápido possível o *Emílio* de Rousseau, que vinha de ser publicado. O outro, nosso homenageado nesta coletânea, o professor Edmilson de Azevedo, sertanejo, de Catolé do Rocha, leitor de Kant, Rousseau, Thoreau e tantos outros; andarilho das ruas e vielas de João Pessoa, que em suas longas caminhadas cotidianas traça e retrança os caminhos da capital da Paraíba, no Nordeste brasileiro.

Como podemos perceber, as caminhadas em meio à natureza, ou mesmo nos ambientes urbanos, foi e continua sendo um poderoso tônico para a reflexão filosófica. Parafraseando Kant, poderíamos dizer: tenha a coragem de andar! Levante-se e ande!

### Referências Bibliográficas

BECKER, Evaldo. Um olhar sobre a ética das águas em Rousseau. *In: SILVA, Genildo Ferreira da (Org.). Respeito à liberdade e à vida: pensar justiça e direitos a partir de Rousseau.* Salvador: EDUFBA, 2022, p. 237-247.

COSTA, J. B. A vida sem princípios de Henry David Thoreau. **Papeles de Filosofia**, p. 87-109, agosto, 2015. ISSN 0211-6642.

DRUMMOND, J. A. Henry David Thoreau, homem de várias épocas. *In: THOREAU, H. D. Desobedecendo: Desobediência Civil e outros escritos.* Tradução de José Augusto Drummond. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. cap. Introdução.

GROS, Frédéric. **Marcher, une philosophie.** Paris : Flammarion, 2011 (Champs essais).

LAMBERT, L. G. **Rousseau and Thoreau: Their concept of nature.** Michigan : Rice University, 1968. p. 177.

LARRÈRE, C.; LARRÈRE, R. **Do bom uso da natureza.** Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

MARQUES, J. O. D. A. Apresentação. *In: ROUSSEAU, J.-J. Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a Religião e a Moral.* Tradução de José Oscar de Almeida Marques *et al.* São Paulo: Estação Liberdade, 2005. cap. Apresentação, p. 9-16.

MUSSA, S. *Valais et les Valaisans*. In : TROUSSON, Raymond ; EIGELDINGER, Frédéric S. (dir.). **Dictionnaire de Jean-Jacques Rousseau**. Paris : Honoré Champion, 2006, p. 901-902.

NIEHUES-PRÖBSTING, Heinrich. A recepção do cinismo. Diógenes no Iluminismo. In: GOUZET-CAZÉ, Marie-Odile; BRANHAN, R. Bracht. **Os Cínicos : o movimento cínico na Antiguidade e o seu legado**. Tradução de Célia Camargo Bartalotti. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

RAMEL, Frédéric et PAUL JOUBERT, Jean. **Rousseau et les Relations Internationales**. Paris: L'Harmattan, 2000.

ROUSSEAU, J.-J. Cartas a Malesherbes. In: ROUSSEAU, J.-J. **Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a Religião e a Moral**. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. cap. 1, p. 23-26.

ROUSSEAU, J.-J. **Confissões**. Tradução de Wilson Lousada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

ROUSSEAU, J.-J. **Os devaneios do caminhante solitário**. Tradução de Fúvia Maria Luiza Moretto. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995. 195 p.

ROUSSEAU, J.-J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução de Iracema Gomes Soares e Maria Cristiana Roveri Nagke. São Paulo: Ática, 1989.

ROUSSEAU, J.-J. **Júlia ou a Nova Heloísa**. Trad. de Fúlvia M.L. Moretto. São Paulo: HUCITEC/Editora da UNICAMP, 1994.

SCHNEIDER, Marcel. **Jean-Jacques Rousseau et l'espoir écologiste**. Paris, Éditions Pygmalion, 1978. 188 p.

THOREAU, H. **Walden, ou a vida nos bosques**. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2010.

THOREAU, H. D. A Vida sem Princípios. In: THOREAU, H. D. **Desobedecendo: Desobediência Civil e outros escritos**. Tradução de José Augusto Drummond. Rio de Janeiro: Rocco, 1984a. cap. 2.

THOREAU, H. D. Caminhando. In: THOREAU, H. D. **Desobedecendo: Desobediência Civil e outros escritos**. Tradução de José Augusto Drummond. Rio de Janeiro: Rocco, 1984b. cap. 3, p. 81-118.

THOREAU, H. D. Vida sem princípios. In: THOREAU, H. D. **Desobediência Civil**. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012b. Cap. V. ISBN isbn 978-85-63560-51-3.

THOREAU, H. D. Uma semana nos rios Concord e Merrimack. *In*: THOREAU, H. D. **Desobediência Civil e outros escritos**. Tradução de José Augusto Drummond. Rio de Janeiro: Rocco, 1984c, cap. 5, p. 138-166.

TROUSSON, Raymond ; EIGELDINGER, Frédéric S., (dir.). **Dictionnaire de Jean-Jacques Rousseau**. Paris : Honoré Champion, 2006. 965 p.

TURCOT, Laurent. **Le promeneur à Paris au XVIIIe siècle**. Paris : Éditions Gallimard, 2007.

WILLIGES, F. O que caminhar ensina sobre o bem-viver? **Cadernos IHU ideias**, São Leopoldo, v. 16, n. 271, p. 3-22, 2016. ISSN 2448-0304.

Recebido em : 03/2023  
Aprovado em : 04/2023